

Não podemos reconhecer o belo em geral de nenhum outro modo a não ser se o contrapomos ao útil, e o diferenciamos dele tão rigorosamente quanto possível. Uma coisa não se torna bela porque não é útil, mas porque ela não precisa ser útil.

(Karl Philipp Moritz apud SABINO, pag. 57)

EXPLICANDO

Se o belo é o que sem conceito agrada¹, este necessariamente não poderia ter uma função, ser interessado. No entanto, certos objetos podem ser utilitários e belos ao mesmo tempo, embora não possamos dizer que o belo só exista na medida em que for útil. A arte poderia ter uma “função”, mas não poderia estar a ela subordinada, ou seja, o belo deve sobrepor o utilitário.

Obras de arte operam com conceitos, mas transcendem esses conceitos. A mensagem artística é indizível pela linguagem comum e só se manifesta no objeto artístico, sendo que a impossibilidade de descrição do belo resulta na sua autonomia, e que a sua manifestação enquanto “obra de arte” é a única maneira dela exprimir o que exprime.

O crítico e teórico da literatura e da arte, Jan Mukaovský (1891-1975), coloca a estética no campo da função e acredita que, dentre as diversas funções da arquitetura na esfera da arte, a estética predomina sobre as outras. Cita como exemplo o arquiteto Van de Velde, que “(...) fala da

¹ Immanuel Kant. Crítica da Faculdade do Juízo, 2002, pg.56.

beleza da máquina como objeto extremamente útil ou da beleza da linha dinâmica”. [...]².

Karl Philipp Moritz faz uma distinção entre o belo e o utilitário do ponto de vista da relação com o sujeito, mas também indica uma função para o belo, que é de elevação do homem para um nível de “eliminação da sua subjetividade”, tornando-o, nesse sentido, um ser virtuoso. Tal distinção não é pensada do ponto de vista do prazer, pois ambas as dimensões são capazes de causar prazer, ou seja, é impossível que um objeto inútil dê prazer a um ser racional. Sensações prazerosas surgem, seja em presença de objetos úteis, seja na frente de objetos belos. Ao mesmo tempo, não desconsidera a função dos objetos belos, mas eles não foram feitos e pensados para serem úteis. Segundo ele, a subordinação do belo ao útil, transformaria a arte em ornamento³ .

Sem prejuízo de sua beleza, (o objeto) pode também ser útil, ainda que não exista para ser útil; assim também o útil pode, sem prejuízo de sua utilidade, ser belo em certa gradação, ainda que exista apenas para ser útil. (Karl Philipp Moritz apud SABINO, pag. 58)

2 Jan Mukaovský. Escritos sobre Estética e Semiótica, 1997, pg 160.

3 Publicado na revista Monats-Schrift der Akademie der Künste und mechanischen Wissenschaften zu Berlin, ano II, vol. 3, fevereiro de 1789, p. 74-77. Republicado nos livros Launen und Phantasien von Carl Philipp Moritz, org. Carl Friedrich Klischnig (1796) e no Erinnerungen aus den zehn letzten Lebensjahren meines Freundes Anton Reiser. Als ein Beitrag zur Lebensgeschichte des Herrn Hofrath Moritz, de Karl

Moritz justifica que uma coisa não seria bela somente porque nos dá prazer, pois nesse caso, todo o objeto útil seria também belo; mas aquilo que nos dá prazer, sem ser propriamente útil, é o que chamaremos belo (apud Todorov, pag.164). A utilidade necessária em objetos belos está voltada ao prazer da fruição e no modo com que este eleva o ser humano para uma certa transcendência, pois a subjetividade própria do homem é momentaneamente esquecida.

No (objeto) meramente útil, [...] eu me ponho no centro [...], isto é, considero o objeto apenas como meio – contanto que minha perfeição seja desse modo promovida – do qual eu mesmo sou o fim. O objeto meramente útil, portanto, não é em si mesmo nem um todo nem algo perfeito e acabado, mas somente se torna um quando alcança o seu fim ou se completa em mim. Na contemplação do belo, porém, eu coloco de volta no próprio objeto o fim que estava em mim: eu não o considero como algo completo em mim, mas nele mesmo, formando, portanto, um todo em si, e proporcionando-me prazer em razão de si mesmo, e por isso o objeto belo se refere menos a mim do que eu a ele. (Karl Philipp Moritz apud SABINO)

Enquanto o útil encontra a sua finalidade fora do objeto na medida em que a qualidade de utilidade não faz parte das suas

Friedrich Klischnig, (1794). Tradução de José Feres Sabino, in: SABINO, J. F. Ensaios de Karl Philipp Moritz: linguagem, arte, filosofia. 2009.

características essenciais e constitutivas, mas depende do modo com que o sujeito irá utilizá-lo, o belo é o que não tem nenhuma justificação externa ao objeto. Uma coisa é bela na medida em que é intransitiva. A existência do belo consiste na sua própria realização, e a finalidade da sua existência se encontra nele mesmo. Nesse raciocínio, a obra de arte é superior ao homem e até ao artista, pois o homem na sua "incompletude" só se aproximará de uma "perfeição" na medida em que se relacionar com objetos que contenham qualidades ou características que ele não tem.

A arte deve comunicar com o observador (receptor) de forma que este a recrie, a reconstrua, a partir de suas vivências. A obra de arte tem um poder de fazer com que o observador se reconheça na obra e se transforme. A contemplação da obra implica em um esquecer-nos de nós mesmos, como se o deslumbramento e o bem estar gerado pelo belo fizesse com que o sujeito se dissolvesse no prazer puro desinteressado:

Enquanto o belo atrai totalmente nossa contemplação, ele a faz desviar um instante de nós mesmos e parecer que nos perdemos no objeto belo; e esse perder-se, esse esquecimento de nós mesmos, é o grau mais alto de prazer puro e desinteressado que o belo nos proporciona.⁴ (Karl Philipp Moritz apud SABINO)

4 MORITZ, K. P. Ensaio para unificar todas as belas artes e belas letras sob o conceito do perfeito e acabado em si. Tradução de José Feres Sabino, in: SABINO, J. F. Ensaios de Karl Philipp Moritz: linguagem,

Uma obra da arte está ligada a uma perfeição e se torna completa em si mesma pelo fato da coisa exprimir no interior de si mesma seu próprio fim. Por isso, o objeto belo distingue-se daquele útil. E para que se alcance a beleza, todas as partes constituintes devem ter tal integração a ponto de se parecerem unitárias e as suas posições devem ser "necessárias" para a composição, ou seja, "todo singular se apresenta primeiramente em sua necessária relação ao todo, e somente por meio do qual se torna claro que na obra de arte não há nada de supérfluo, nem nada que falte"⁵. Tal necessidade diz respeito à constituição da forma, pensando de um ponto de vista estritamente racional.

Quanto mais necessárias são todas as partes singulares de uma obra de arte e suas posições umas em relações às outras, mais bela é a obra; quanto menos necessárias elas forem, podendo as partes ser colocadas e retiradas sem prejudicar o todo, pior e mais medíocre é a obra.⁶ (Karl Philipp Moritz apud SABINO)

arte, filosofia. 2009. 145p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009, p. 108.

5 MORITZ, K. P. Ensaio para unificar todas as belas artes e belas letras sob o conceito do perfeito e acabado em si. Tradução de José Feres Sabino, in: SABINO, J. F. Ensaios de Karl Philipp Moritz: linguagem, arte, filosofia. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia). FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

6 Publicado na revista Monats-Schrift der Akademie der Künste und mechanischen Wissenschaften zu Berlin, ano II, vol. 3, fevereiro de 1789, p. 74-77. Republicado nos livros Launen und Phantasien von

[...] A figura, se é bela, não deve significar nem falar nada que esteja fora dela, mas deve como que falar apenas de si mesma, de sua essência interna por meio de sua superfície externa, e deve significar por si mesma. Por isso, no que se refere à bela arte, meras figuras alegóricas distraem a atenção e a afastam do principal. Se uma bela figura pode ainda indicar e significar algo além de si mesma, ela se aproxima desse modo do mero símbolo, para o qual a verdadeira beleza não é relevante (...). A obra de arte então não mais possui seu fim apenas em si, mas o encontra fora de si. O verdadeiro belo consiste, porém, em que uma coisa signifique apenas a si mesma, designe a si mesma, abarque a si mesma, seja um todo completo em si. (Karl Philipp Moritz apud SABINO, pag. 68)

Se considerarmos um objeto do ponto de vista da utilidade e do ponto de vista da beleza, devemos levar em conta que ambos pressupõem uma relação que, no primeiro caso, é entre o objeto e aquele que o utiliza, e, no segundo, entre a obra e aquele que a contempla. O objeto útil se completa somente quando alcança o seu fim, que irá acontecer na relação com o sujeito.

Carl Philipp Moritz, org. Carl Friedrich Klischnig (1796) e no *Erinnerungen aus den zehn letzten Lebensjahren meines Freundes Anton Reiser. Als ein Beitrag zur Lebensgeschichte des Herrn Hofrath Moritz*, de Karl Friedrich Klischnig, (1794). Tradução de José Feres Sabino, in: SABINO, J. F. *Ensaio de Karl Philipp Moritz: linguagem, arte, filosofia*. 2009.

Em relação ao belo, o sujeito é atraído em direção ao objeto para contemplá-lo. Agora o sujeito é secundário e o objeto está em lugar privilegiado na relação, o que faz com que o último passe a ser considerado “como algo perfeito e acabado em si mesmo”. O belo constitui, portanto, um todo em si, que existe em função de si mesmo, em função de sua própria “perfeição” interna. A relação estabelecida entre o sujeito e o objeto útil é interessada porque é centrada no interesse daquele que utiliza algo. Já a relação entre o sujeito contemplativo e o objeto belo seria uma ação desinteressada, porque descentraria, segundo Moritz, o homem de seu ego.

Em objetos belos, podemos dizer que a contemplação não os fazem “esgotar”, ao contrário, quanto mais são contemplados, mais são celebrados e mais serão preservados. Também podemos pensar que uma obra de arte pode gerar união entre as pessoas, como exemplo temos concertos musicais ou peças de teatro, que são executados para um grande público que se emociona numa espécie de “catarse”, acentuando a experiência de vivenciar a obra. Sentimentos como o amor e amizade também têm esse caráter de se auto sustentarem e se potencializarem na medida em que são, digamos, “compartilhados”.

No entanto, mesmo que tal obra se encontre “acabada em si mesma”, onde “nada pode ser acrescentado ou retirado sem que não seja para piorar (Leon Batista Alberti), não é suficiente para tornar um

objeto belo, ou uma obra de arte. Moritz defende que a imaginação e a fantasia são elementos que fazem com que o sujeito saia do seu “eu” e conheça outras dimensões “não corpóreas”. O belo deve transcender a matéria num caminho de “sublimação”.

[...] uma coisa para não ter de ser útil deve ser necessariamente um todo constituído em si mesmo, e que, portanto, o conceito de um todo constituído em si mesmo está vinculado inseparavelmente ao conceito de belo. Mas que esse conceito, sem dúvida ainda não é suficiente para alcançar o conceito de belo, vemos isso, por exemplo, no conceito de Estado, que embora seja um todo constituído em si mesmo, contudo não poderia estar vinculado ao conceito de belo, porque o conceito de Estado, em toda sua extensão, não toca nossos sentidos externos nem é abarcado pela imaginação, mas somente pode ser pensado por nosso entendimento. (Karl Philipp Moritz apud SABINO, pag. 55)

O prazer gerado pelo útil – algo que compartilhamos com os animais – acontece na medida em que se supre uma necessidade prática do homem. No caso do objeto belo, este necessita do homem para que seja celebrado e reconhecido. No momento em que o homem contempla e estabelece um diálogo com a obra, se descentra do seu ego pelo deslumbramento, mas num segundo momento, a obra se torna um veículo para que este se reconheça na sua subjetividade. Daí a atenção

se volta novamente para si próprio. A beleza, nesse sentido, também tem uma função, que é a de promover ao sujeito um reconhecimento da sua individualidade.



Fig 12 - Vincent Van Gogh. O par de sapatos, 1886.

BIBLIOGRAFIA

KANT, I. Crítica da Faculdade do Juízo. Tradução de Valerio Rohden e Antônio Marques. 1º edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

KOTHE, R. F. Ensaios de Semiótica da Cultura. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

_____. A Alegoria. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MORITZ, K. F. Viagem de um alemão à Itália. 1786-1788 (terceira parte): nas cartas de Karl Philipp Moritz. Tradução, introdução e notas de Oliver Tolle. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial, 2008.

_____. Sur L'ornament. Paris: Edition Rue d'Ulm, 2008.

MUKA OVSKÝ, J. Escritos sobre Estética e Semiótica. Lisboa: ed. Estampa, 1997.

SABINO, J. F. Ensaios de Karl Philipp Moritz: linguagem, arte, filosofia. 2009. 145p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SPEZZAPRIA, M. Autonomia e autotelia na estética de Karl Philipp Moritz. In: Anais do seminário dos estudantes de pós-graduação em filosofia da UFSCar, 2014.

TODOROV, Tzvetan. Teorias do Símbolo. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus Editora, 1996.